

A arte de viajar

Alain de Botton

A arte de viajar

TRADUÇÃO DE
Clóvis Marques



Copyright © Alain de Botton, 2002
Copyright da tradução © Editora Intrínseca, 2012

TÍTULO ORIGINAL
The Art of Travel

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Mariana Newlands

IMAGEM DE CAPA
Latinstock / © Ed Darack / Science Faction / Corbis / Corbis (DC)

PREPARAÇÃO
Elisa Nogueira

REVISÃO
Milena Vargas
Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D339a

De Botton, Alain, 1969-
A arte de viajar / Alain De Botton; tradução de Clóvis Marques. – Rio de
Janeiro: Intrínseca, 2012.
21 cm

Tradução de: The art of travel
ISBN 978-85-8057-221-6

1. Viagens - Filosofia. I. Título.

12-3662.

CDD: 910.01
CDU: 910.1

[2012]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Michele Hutchison

SUMÁRIO

Partida

- I Da expectativa 11
- II Dos destinos de viagem 35

Motivações

- III Do exotismo 69
- IV Da curiosidade 101

Paisagem

- V Do campo e da cidade 127
- VI Do sublime 155

Arte

- VII Da arte que abre os olhos 179
- VIII Da posse da beleza 209

Retorno

- IX Do hábito 233




Agradecimentos 247

Créditos das fotos 249

PARTIDA

|

Da expectativa

Lugares	  <p><i>Hammersmith, Barbados Londres</i></p>
Guia	<p><i>J.-K. Huysmans</i></p> 

1.

Era difícil dizer com exatidão quando o inverno chegou. O declínio foi gradual, como o de uma pessoa que alcança a velhice, imperceptível no dia a dia, até que a estação se tornou uma realidade certa e inexorável. Primeiro veio uma queda na temperatura noturna, seguida de dias de chuva constante, surpreendentes rajadas de vento do Atlântico, umidade, a queda das folhas e a mudança do horário — embora persistissem momentos eventuais de alívio, manhãs nas quais era possível sair de casa sem um casaco e o céu se mostrava límpido e claro. Mas eram como sinais enganosos de recuperação num paciente cuja morte fora decretada. Em dezembro, a nova estação já se instalara e a cidade era coberta, quase diariamente, por um sinistro céu de um cinza metálico, como numa pintura de Mantegna ou de Veronese, cenário perfeito para a crucificação de Cristo ou para um dia debaixo das cobertas. O parque da vizinhança transformou-se em um terreno desolado, tomado por água e lama, iluminado à noite por lâmpadas envoltas pelo halo da chuva. Passando por ali certa noite, durante um aguaceiro, lembrei-me de como, no calor intenso do verão anterior, eu me estendera no solo e descalçara os sapatos para deixar que a relva acariciasse meus pés e de como esse contato direto com a terra me dera uma sensação de liberdade e expansão, com o verão rompendo os limites habituais entre o ar livre e ambientes fechados e permitindo que eu me sentisse tão à vontade no mundo quanto em meu quarto.





William Hodges, *Taiti revisitado*, 1776

Mas agora o parque era novamente inóspito, com a grama encharcada pela chuva incessante. Qualquer tristeza que eu acaso sentisse, qualquer desconfiança de que a felicidade ou a compreensão eram inalcançáveis, parecia encontrar encorajamento nos tijolos escuros e empapados dos prédios e no céu carregado tingido de laranja pela iluminação urbana.

Tais circunstâncias climáticas, acompanhadas por uma sequência de acontecimentos ocorridos na época (que pareciam confirmar a máxima de Chamfort de que um homem deve engolir um sapo todas as manhãs para se certificar de que não encontrará nada mais repulsivo durante o resto do dia), conspiraram para me tornar fortemente suscetível à chegada inesperada, no fim de uma tarde, de um folheto publicitário grande e repleto de ilustrações coloridas intitulado “Sol de Inverno”. Na capa, via-se uma fileira de palmeiras, muitas envergadas, numa praia de areia clara orlada por um mar azul-turquesa, contra um pano de fundo de colinas nas quais eu imaginava cachoeiras e alívio para o calor à sombra de árvores frutíferas perfumadas. As fotografias me lembraram as pinturas do Taiti trazidas por William Hodges após sua viagem com o capitão Cook, mostrando uma lagoa tropical à luz suave do entardecer, na qual mocinhas nativas e sorridentes brincavam despreocupadas (e descalças) em meio a uma vegetação exuberante, imagens que provocaram espanto e admiração ao serem exibidas na Royal Academy, em Londres, no rigoroso inverno de 1776 — e que continuaram a servir de modelo para cenas de idílio tropical, como aquelas nas páginas de “Sol de Inverno”.

Os responsáveis pelo panfleto intuíram a facilidade com que os leitores se tornariam presas de fotografias cuja força insultava a inteligência e infringia qualquer pretensão de livre-arbítrio: imagens superexpostas de palmeiras, céus claros e praias ensolaradas. No contato com esses elementos, leitores que em outras áreas de suas vidas seriam capazes de ceticismo e de prudência regrediam ao otimismo e à inocência primordiais. Os anseios provocados pelo folheto eram um exemplo, ao mesmo

tempo tocante e patético, de como projetos (e até vidas inteiras) podem ser influenciados pelas imagens de felicidade mais simples e casuais; de como uma viagem longa e proibitivamente cara poderia ser desencadeada apenas pela visão da fotografia de uma palmeira levemente inclinada por uma brisa tropical.

Decidi viajar para a ilha de Barbados.

2.

Se nossas vidas são dominadas pela busca da felicidade, talvez poucas atividades revelem tanto a respeito da dinâmica desse anseio — com toda a sua empolgação e seus paradoxos — quanto o ato de viajar. Ainda que de maneira desarticulada, ele expressa um entendimento de como a vida poderia ser fora das limitações do trabalho e da luta pela sobrevivência. Mas raramente se considera que as viagens apresentem problemas filosóficos — ou seja, questões convidando à reflexão além do nível prático. Somos inundados por recomendações sobre os lugares para *onde* viajar, mas pouco ouvimos sobre *como e por que* deveríamos ir — embora a arte de viajar pareça evocar naturalmente uma série de questionamentos nem tão simples ou triviais, cuja análise poderia contribuir, de forma modesta, para uma compreensão daquilo que os filósofos gregos chamavam lindamente de *eudaimonia*, ou desabrochar humano.

3.

Uma questão gira em torno da relação entre a expectativa da viagem e sua realidade. Chegou às minhas mãos um exemplar do romance *Às avessas*, de J.-K. Huysmans, publicado em 1884, cujo herói decadente e misantropo, o aristocrático Duque des Esseintes, antevia uma viagem a Londres, oferecendo, ao longo do processo, uma análise incrivelmente pessimista da diferença entre aquilo que imaginamos sobre um lugar e o que pode acontecer quando a ele chegamos.

Huysmans conta que o Duque des Esseintes vivia sozinho numa enorme mansão nas imediações de Paris. Raramente saía de casa, para

evitar o que considerava ser a feiura e a estupidez dos outros. Numa tarde, ainda na juventude, arriscara-se por algumas horas numa aldeia próxima e sentira sua aversão aos seres humanos se intensificar. Desde então, decidira passar os dias sozinho, na cama de seu gabinete, lendo os clássicos da literatura e cultivando pensamentos ácidos sobre a humanidade. Numa manhã, contudo, o duque se surpreendeu com um intenso desejo de viajar a Londres. A vontade se manifestou quando ele estava sentado à lareira, lendo um volume de Dickens. O livro evocava cenas da vida inglesa que ele contemplou longamente, sentindo crescer o desejo de vê-las. Incapaz de conter o entusiasmo, ordenou aos criados que lhe fizessem as malas, meteu-se num terno de tweed cinza, em botas baixas, num chapéu-coco e numa pelerine azul e tomou o primeiro trem para Paris. Como lhe sobrava tempo antes da partida do trem para Londres, foi à livraria inglesa Galignani, na Rue de Rivoli, onde comprou um exemplar do *Guide to London* [Guia de Londres], de Baedeker. Foi lançado em devaneios deliciosos pelas descrições sucintas das atrações londrinas. Rumou, então, para um bar próximo, frequentado por clientela eminentemente inglesa. O ambiente parecia saído de um romance de Dickens: lembrava-lhe cenas em que a pequena Dorrit, Dora Copperfield e Ruth, a irmã de Tom Pinch, conversavam, sentadas em recintos igualmente claros e aconchegantes. Um dos clientes tinha os cabelos brancos e a pele avermelhada do Sr. Wickfield, além dos traços rudes e inexpressivos e do olhar duro do Sr. Tulkinghorn.

Com fome, Des Esseintes passou a uma taberna inglesa na Rue d'Amsterdam, perto da Gare Saint-Lazare. O lugar era escuro e enfileirado, com alavancas de pressão para servir cervejas enfileiradas ao longo do balcão, coberto, por sua vez, de talhos de presunto tão marrons como violinos e de lagostas que tinham a cor de múnio. Ao redor de pequenas mesas de madeira estavam sentadas inglesas robustas, de rosto infantil, dentes do tamanho de espátulas, faces avermelhadas como maçãs, mãos e pés longos. Des Esseintes encontrou uma mesa e pediu sopa de rabo de touro, hadoque defumado, uma porção de

rosbife com batatas, uma ou outra cerveja e um pedaço de queijo Stilton.

Contudo, ao se aproximar o momento de pegar o trem e ter oportunidade de transformar em realidade seus sonhos londrinos, Des Esseintes foi subitamente tomado pela lassidão. Imaginou como seria cansativo viajar de fato a Londres e que teria de correr para a estação, brigar por um carregador, embarcar no trem, suportar uma cama estranha, enfrentar filas, sentir frio e mover seu frágil corpo pelas paisagens descritas de forma tão concisa por Baedeker — e assim conspurcar seus sonhos: “Qual é a necessidade de se locomover quando uma pessoa pode viajar tão maravilhosamente sentada numa cadeira? Já não estava em Londres, com seus cheiros, seu clima, seus cidadãos, sua comida e até seus talheres dispostos ao redor dele? O que poderia encontrar lá, senão novas decepções?” Ainda sentado à mesa, ele refletiu: “Eu devia estar sofrendo de alguma aberração mental ao rejeitar as visões de minha obediente imaginação e pensar, como qualquer velho tolo, que seria necessário, interessante e útil viajar ao exterior.”

Então, Des Esseintes pagou a conta, deixou a taberna e tomou o primeiro trem de volta para sua mansão, com seus pacotes, malas, valises, mantas, guarda-chuvas e bengalas — e nunca mais saiu de casa.

4.

Estamos familiarizados com a ideia de que a realidade das viagens não é o que antevemos. A escola pessimista, da qual Des Esseintes poderia ser o presidente de honra, portanto, argumenta que a realidade será invariavelmente decepcionante. Talvez seja mais verdadeiro e gratificante sugerir que ela é, em essência, *diferente*.

Após dois meses de expectativa, numa límpida tarde de fevereiro, desci no aeroporto Grantley Adams, em Barbados, com minha companheira de viagem, M. A caminhada do avião até o terminal foi breve mas suficiente para que eu registrasse uma revolução no clima. Em poucas horas, eu chegara a condições de calor e umidade que demora-

riam mais cinco meses para se manifestar em minha cidade de origem, sem nunca alcançar a mesma intensidade.

Nada era como eu havia imaginado — o que só poderia ser surpreendente se considerarmos *o que* eu havia imaginado. Nas semanas anteriores, a ideia da ilha girara exclusivamente em torno de três imagens mentais, reunidas durante a leitura de um folheto publicitário e de um cronograma da companhia aérea. A primeira era uma praia com uma palmeira e o pôr do sol ao fundo. A segunda, um bangalô de hotel, em que se via, através das vidraças da varanda, um quarto decorado, com assoalho de madeira e roupas de cama brancas. E a terceira, um céu azul.

Se pressionado, eu naturalmente teria reconhecido que haveria na ilha outros elementos, mas não precisei deles para montar minha impressão a respeito do lugar. Meu comportamento era semelhante ao dos espectadores de um teatro, que imaginam, sem dificuldade, que as ações no palco se passam na floresta de Sherwood ou na Roma antiga, uma vez que o pano de fundo foi pintado com um único galho de carvalho ou uma coluna dórica.

Na chegada, porém, várias coisas insistiram que também mereciam ser incluídas no arquivo da palavra “Barbados”. Por exemplo, um grande posto de gasolina decorado com o logotipo verde e amarelo da British Petroleum e um cubículo de compensado de madeira em que um funcionário da alfândega, sentado e vestindo um imaculado terno marrom, contemplava com ar de curiosidade e de espanto, sem nenhuma pressa (como um erudito percorrendo as páginas de um manuscrito nas prateleiras de uma biblioteca), os passaportes de uma fila de turistas que se estendia para fora do terminal e já chegava perto da pista de pouso. Havia o anúncio de uma marca de rum acima da esteira de bagagens, o retrato do primeiro-ministro no corredor da alfândega, uma casa de câmbio no saguão de chegada e um pandemônio de motoristas de táxi e de guias turísticos em frente ao terminal. E, se havia algum problema com essa profusão de imagens, era que elas tornavam estranhamente mais difícil *ver* a Barbados que eu fora descobrir.

Na minha expectativa, houvera simplesmente um vácuo entre o aeroporto e meu hotel. Não existira qualquer coisa em minha mente entre a última linha do itinerário (“Chegada BA 2155 às 15h35”, com sua bela cadência) e o quarto do hotel. Eu não havia pensado — e agora protestava interiormente por encontrar — em uma esteira de bagagens com a borracha puída, duas moscas dançando ao redor de um cinzeiro imundo, um ventilador gigantesco girando no saguão de chegada, um táxi branco com um painel de falsa pele de leopardo, um cão vira-lata no terreno baldio ao lado do aeroporto, um anúncio do “Condomínio Luxury” num trevo, uma fábrica chamada “Bardak Electronics”, uma fileira de prédios com telhados de zinco vermelho e verde, uma tira de borracha na coluna central do carro, na qual estava escrito em letras miúdas “Volkswagen, Wolfsburg”, um arbusto de cores vivas cujo nome eu não conhecia, uma recepção de hotel mostrando as horas em seis cidades diferentes e um cartão pregado à parede próxima em que se podia ler, com dois meses de atraso, “Feliz Natal”. Somente várias horas depois da chegada me vi no quarto imaginado, embora não tivesse, até então, uma imagem mental de seu enorme aparelho de ar-condicionado ou mesmo, apesar de bem-vinda, a visão de seu banheiro revestido em fórmica e com a severa recomendação para que os hóspedes evitassem o desperdício de água.

Se nos sentimos inclinados a esquecer quanto existe no mundo além daquilo que antecipamos, talvez a culpa seja um pouco das obras de arte, pois nelas encontramos o mesmo processo de simplificação ou seleção que se manifesta na imaginação. As impressões artísticas envolvem uma redução severa daquilo que a realidade nos impõe. Um guia de viagem pode nos dizer, por exemplo, que o narrador passou uma tarde inteira viajando para chegar à cidade X nas montanhas e, depois de uma noite em seu mosteiro medieval, acordou com um alvorecer nebuloso. Mas nunca passamos uma tarde simplesmente viajando. Sentamo-nos num trem. Temos dificuldade para digerir o almoço. O forro do assento é cinza. Contemplamos um campo lá

fora. Voltamos o olhar para o interior do trem. Lampejos de ansiedade se atropelam em nossa consciência. Notamos a etiqueta presa a uma mala depositada na prateleira acima dos assentos à frente. Tamborilamos no parapeito. Uma unha quebrada no dedo indicador puxa um fio da roupa. Começa a chover. Algumas gotas formam uma trilha de sujeira pela janela empoeirada. Perguntamo-nos onde guardamos a passagem. Voltamos a olhar para o campo. Continua a chover. Finalmente, o trem se movimenta. Passa por uma ponte de ferro e logo se detém, inexplicavelmente. Uma mosca pousa na janela. E é possível que mal tenhamos chegado ao fim do primeiro minuto de um relato detalhado dos acontecimentos por trás da enganadora frase “ele passou a tarde viajando”.

Um narrador que nos fornecesse tal profusão de detalhes rapidamente nos enlouqueceria. Por infelicidade, a vida muitas vezes adota esse tipo de narrativa, cansando-nos com repetições, ênfases enganosas e enredos inconsequentes. E insiste em nos mostrar a fábrica Bardak Electronics, a alavanca de segurança do carro, o cão vira-lata, um cartão de Natal e uma mosca que pousa na borda e, depois, no centro de um cinzeiro cheio.

Isso explica o curioso fenômeno que torna mais fácil vivenciar a fruição de elementos valiosos na arte e na expectativa do que na realidade. As imaginações da expectativa e da arte omitem e condensam, eliminam os períodos de tédio, dirigindo nossa atenção para momentos críticos e, assim, conferindo à vida, sem mentir nem enfeitar, uma vividez e uma coerência que lhe podem faltar na confusão perturbadora do presente.

Deitado na cama, em minha primeira noite caribenha, rememorando a viagem (havia grilos e rumores nos arbustos), a confusão do momento presente já começava a retroceder e certos acontecimentos adquiriam proeminência, pois a memória, sob esse aspecto, era semelhante à expectativa: um instrumento de simplificação e seleção.

O presente poderia ser comparado a um longo filme em que a memória e a expectativa selecionam momentos fotográficos. Do voo

de nove horas e meia até a ilha, minha memória ativa reteve apenas seis ou sete imagens estáticas. Só uma sobrevive agora: a mesa retrátil do assento. De minha experiência no aeroporto, apenas uma imagem da fila da imigração permaneceu acessível. As camadas de minha experiência se acomodaram numa narrativa compacta e bem definida: tornei-me um homem que tomara um avião em Londres e se hospedara naquele hotel.

Fui dormir cedo e, na manhã seguinte, acordei para ver meu primeiro alvorecer caribenho — embora houvesse, inevitavelmente, muito mais do que isso por baixo dessas breves palavras.

5.

Havia outro país que Des Esseintes quisera conhecer muitos anos antes da pretendida viagem à Inglaterra: a Holanda. Ele imaginou que o lugar se assemelhava às pinturas de Teniers e Jan Steen, de Rembrandt e Ostade; antecipara a simplicidade patriarcal e a ruidosa jovialidade; pequenos e tranquilos pátios de tijolos e criadas pálidas despejando leite. Assim, ele viajou a Haarlem e a Amsterdã, decepcionando-se profundamente. Não que as pinturas tivessem mentido, pois ele encontrou certa simplicidade e alguma jovialidade, belos pátios de tijolos e algumas criadas despejando leite, mas essas joias se misturavam num caldeirão de imagens comuns (restaurantes, escritórios, casas parecidas e campos anônimos) que os pintores holandeses nunca retrataram e que tornavam a experiência da viagem pelo país estranhamente sem graça em comparação com uma tarde na seção de arte holandesa do Louvre, onde a essência de sua beleza estava reunida em algumas salas.

Des Esseintes chegou à situação paradoxal de se sentir mais *na* Holanda — ou seja, em contato mais intenso com os elementos que amava na cultura holandesa — ao contemplar imagens selecionadas desse país num museu do que ao viajar com dezesseis peças de bagagem e dois criados pelo território propriamente dito.

6.

Ao despertar cedo naquela primeira manhã, meti-me num roupão fornecido pelo hotel e cheguei à varanda. À luz do alvorecer, o céu tinha um tom pálido azul-acinzentado e, em comparação aos rumores da noite anterior, todas as criaturas e até o vento pareciam dormir profundamente. Tudo estava silencioso como uma biblioteca. Diante do quarto estendia-se uma vasta praia coberta por coqueiros na área mais próxima e que logo se espraiava francamente na direção do mar. Passei por cima da grade baixa da varanda e caminhei pela areia. A natureza prodigalizava toda a sua benevolência. Era como se, ao criar aquela pequena baía em forma de ferradura, ela quisesse compensar seu temperamento difícil em outras regiões e decidisse mostrar, para variar, apenas sua generosidade. As árvores forneciam sombra e leite, o fundo do mar estava coberto por conchas, a areia era fina e da cor de trigo maduro, e o ar — mesmo à sombra — tinha um calor profundo e envolvente, muito diferente da fragilidade do calor no norte da Europa, sempre pronto a ceder, mesmo no alto verão, a uma friagem que demonstrasse ter mais autoridade.

Encontrei uma espreguiçadeira à beira do mar. Ouvia, junto a mim, o som baixo das marolas batendo na areia, como se um monstro bondoso bebesse discretamente goles de água numa grande taça. Alguns pássaros despertavam e cortavam o ar em sua excitação matinal. Atrás de mim, os telhados de ráfia dos bangalôs do hotel podiam ser vistos entre as árvores. À minha frente, uma paisagem que eu reconhecia do folheto publicitário: a praia se estendia numa curva suave em direção à ponta da baía; por trás dela, havia colinas cobertas de vegetação e a primeira fileira de coqueiros se inclinava irregularmente na direção do mar azul-turquesa, como se alguns deles esticassem o pescoço para captar um melhor ângulo dos raios de sol.

Ainda assim, essa descrição reflete apenas de forma imperfeita o que aconteceu comigo naquela manhã, pois, na verdade, minha atenção estava muito mais dispersa e confusa do que sugerem os parágrafos an-

teriores. Posso ter notado alguns pássaros cortando o ar em sua excitação matinal, mas minha consciência de sua presença foi comprometida por outros fatores, despropositados e sem relação entre si, como uma dor de garganta que desenvolvi durante o voo, a preocupação de não ter informado a um colega que estaria ausente, uma pressão entre as temporadas e a necessidade cada vez mais urgente de uma ida ao banheiro. Um fato decisivo, mas até então ignorado, surgia pela primeira vez: inadvertidamente, eu me levava comigo para a ilha.

É fácil nos esquecermos de nós mesmos quando contemplamos descrições pictóricas e verbais de outros lugares. Em casa, enquanto meus olhos percorriam fotografias de Barbados, não havia lembretes de que esses olhos estavam intimamente ligados a um corpo e uma mente que haveriam de me acompanhar aonde quer que eu fosse, podendo, com o tempo, afirmar sua presença de forma a ameaçar e mesmo negar o objetivo do que os olhos tinham ido ver. Em casa, eu podia me concentrar em imagens de um quarto de hotel, de uma praia ou do céu e ignorar a criatura complexa que fazia essa observação e para quem isso não passava de uma pequena parte da tarefa mais ampla e multifacetada de viver.

Meu corpo e minha mente se revelariam cúmplices temperamentais na missão de apreciar meu destino turístico. O corpo encontrava dificuldade para dormir e se queixava do calor, dos mosquitos e dos problemas para digerir a comida do hotel. A mente mostrava-se apegada à ansiedade, ao tédio, a uma tristeza descontrolada e ao alarme financeiro.

Parece que, ao contrário da satisfação contínua e duradoura que esperamos, a felicidade com e em determinado lugar deve ser um fenômeno breve e, pelo menos à mente consciente, aparentemente fortuito: um intervalo em que conseguimos ficar receptivos ao mundo ao nosso redor, em que pensamentos positivos sobre passado e futuro se solidificam e as ansiedades são amainadas. Mas essa condição raras vezes se prolonga por mais de dez minutos. Novos padrões de ansiedade se formam no horizonte da consciência de maneira inevitável, como as





Jacob van Ruisdael. *Vista de Alkmaar*, c. 1670-1675

frentes climáticas que, de dias em dias, se agrupam ao largo da costa ocidental da Irlanda. A vitória anterior já não parece tão impressionante, o futuro adquire complicações, e a bela paisagem se torna tão invisível quanto qualquer coisa que está sempre por perto.

Eu descobriria uma inesperada continuidade entre o melancólico que fui quando estava em casa e a pessoa que eu seria na ilha, uma continuidade fora de sintonia com a descontinuidade radical da paisagem e do clima, em que o próprio ar parecia feito de uma substância diferente e mais doce.

No meio da manhã do primeiro dia, M e eu nos sentamos em espreguiçadeiras à beira da praia. Uma nuvem solitária pendia, tímida, sobre a baía. M pôs os fones de ouvido e começou a fazer anotações sobre *Do suicídio*, de Émile Durkheim. Olhei ao redor. Aos observadores parecia que eu estava mesmo ali, onde me encontrava. Mas “eu” — ou seja, a parte consciente de mim — havia, na verdade, abandonado o envoltório físico para me preocupar com o futuro ou, mais especificamente, em saber se o almoço estaria incluído no preço do quarto. Duas horas depois, sentado a uma mesa no canto do restaurante do hotel, com um mamão papaia (almoço e impostos locais estavam incluídos), o “eu” que havia deixado meu corpo na espreguiçadeira fazia uma nova migração, abandonando a ilha completamente para visitar um complicado projeto agendado para o ano seguinte.

Era como se uma vantagem evolutiva vital tivesse sido conferida, séculos atrás, àqueles membros da espécie que viviam num estado de preocupação com o que aconteceria em seguida. Esses antepassados talvez tivessem deixado de saborear plenamente suas experiências, mas pelo menos sobreviveram e moldaram o caráter de seus descendentes, ao passo que seus irmãos mais focados, presentes no momento e no local em que se encontravam, sofreram finais violentos nos chifres de bisões inesperados.

Infelizmente é difícil rememorar nossa quase permanente preocupação com o futuro, pois, ao retornarmos de um lugar, a primeira coisa



a desaparecer da memória será talvez quanto tempo gastamos, no passado, cuidando do que ainda estava por vir; ou seja, quanto tempo passamos em algum lugar diferente daquele em que estávamos. Existe certa pureza tanto nas recordações quanto nas visões antecipadas de determinado lugar: é assim que se permite que o próprio lugar ganhe relevância.

Se a fidelidade a um lugar parecera possível em casa, terá sido, talvez, porque eu nunca havia tentado contemplar uma imagem de Barbados por muito tempo. Se tivesse aberto uma delas sobre a mesa, forçando-me a olhar exclusivamente para ela durante 25 minutos, minha mente e meu corpo teriam migrado naturalmente para uma série de preocupações extrínsecas e, com isso, talvez eu adquirisse um senso mais preciso de quão pouco o lugar em que me encontrava poderia influenciar o que viajava por minha mente.

Em outro paradoxo que Des Esseintes teria apreciado, parece que estamos mais capacitados a habitar um lugar quando não enfrentamos o desafio adicional de estarmos mesmo presentes ali.

7.

Alguns dias antes de nossa partida, M e eu decidimos explorar a ilha. Alugamos um Mini Moke (um veículo compacto e esportivo) e seguimos na direção norte até uma região de colinas escarpadas chamada Scotland, para onde Oliver Cromwell exilara católicos ingleses no século XVII. Na extremidade norte de Barbados, visitamos a Animal Flower Cave, um conjunto de cavernas formadas na rocha pela insistência das ondas, onde anêmonas-do-mar gigantes cresciam junto à pedra, parecendo flores amarelas e verdes quando abriam seus botões.

Ao meio-dia, rumamos para o sul em direção à paróquia de São João, e lá, numa colina coberta por árvores, encontramos um restaurante numa das alas de uma velha mansão colonial. No jardim, havia um abricó-de-macaco e uma tulipeira africana que exibia flores em forma de trombetas voltadas para baixo. Um folheto nos informava que a casa e os jardins ha-

viam sido construídos pelo administrador Sir Anthony Hutchison em 1745, tendo custado a soma aparentemente enorme de 46 mil quilos de açúcar. Dez mesas estavam dispostas ao longo de uma galeria, com vista para os jardins e o mar. Sentamos numa das extremidades, ao lado de um arbusto de buganvília em flor. M pediu camarões ao pimentão e eu, um peixe com cebola e ervas ao molho de vinho tinto. Conversamos sobre o sistema colonial e a curiosa ineficácia até mesmo dos protetores solares mais poderosos. Como sobremesa, pedimos dois pudins.

Quando eles chegaram, M recebeu uma porção grande, mas desconjuntada, parecendo ter caído na cozinha, e eu, uma minúscula, mas em perfeita forma. Assim que o garçom se virou, M trocou nossos pratos. “Não roube minha sobremesa”, indignei-me. “Achei que você fosse querer a maior”, respondeu ela, não menos indignada. “Você só quer ficar com o melhor pudim.” “Não é verdade, estou tentando ser gentil. Pare de ser desconfiado.” “Eu paro se você devolver meu pudim.”

Em poucos segundos, havíamos mergulhado num interlúdio vergonhoso em que, por trás de queixas infantis, assomavam ameaças recíprocas de incompatibilidade e infidelidade.

M devolveu meu prato, amuada, comeu parte do pudim e afastou a sobremesa para o lado. Ficamos calados. Pagamos e voltamos ao hotel, com o barulho do motor disfarçando a intensidade do mau humor. O quarto fora arrumado em nossa ausência. Os lençóis foram trocados. Havia flores sobre as cômodas e toalhas de praia novas no banheiro. Arranquei uma delas da pilha e me sentei na varanda, batendo violentamente as portas atrás de mim. Os coqueiros projetavam uma leve sombra, os padrões entrelaçados de suas folhas se acomodando ocasionalmente à brisa da tarde. Mas, para mim, não havia prazer em toda aquela beleza. Eu não havia desfrutado nada, estético ou material, desde a disputa pelos pudins, horas antes. As toalhas macias, as flores e a beleza das paisagens se tornaram irrelevantes. Meu humor recusava-se a ceder a qualquer estímulo externo; sentia-se inclusive insultado pela perfeição do tempo e pela perspectiva do churrasco à beira-mar programado para aquela noite.

Nossa infelicidade naquela tarde, em que o cheiro das lágrimas se misturava aos aromas do protetor solar e do ar-condicionado, era um bom lembrete da lógica rígida e inflexível a que os estados de ânimo humanos parecem estar submetidos, uma lógica que ignoramos por nossa conta e risco quando nos deparamos com a imagem de um belo lugar e imaginamos que a felicidade deve naturalmente acompanhar tal esplendor. Nossa capacidade de extrair felicidade de objetos estéticos ou de bens materiais parece, na verdade, depender de forma crítica da satisfação prévia de uma série mais importante de necessidades emocionais ou psicológicas, entre elas compreensão, amor, comunicação e respeito. Não apreciaremos — não somos capazes de apreciar — jardins tropicais luxuriantes e encantadores chalés de madeira à beira-mar quando um relacionamento com o qual estamos comprometidos subitamente se revela impregnado de incompreensão e ressentimento.

Se nos surpreende a capacidade que uma crise de mau humor tem para destruir os efeitos benéficos de um hotel inteiro é porque não entendemos o que sustém nossos estados de ânimo. Ficamos tristes em casa e culpamos o tempo e a feiura dos prédios, mas na ilha tropical aprendemos (depois de uma discussão num chalé, sob um céu azul imaculado) que as condições climáticas e a aparência de nossa morada jamais serão capazes, por si só, de escorar nossa alegria ou nos condenar à infelicidade.

Existe um contraste entre os projetos ambiciosos que empreendemos, a construção de hotéis e a dragagem de baías, e os nós psicológicos essenciais que contribuem para miná-los. Não demora nada para que as vantagens da civilização sejam varridas por um acesso de raiva. O caráter intratável desses nós mentais remete à sabedoria austera e irônica de certos filósofos antigos que se distanciavam da prosperidade e da sofisticação e sustentavam, do interior de um barril ou de uma choupana, que os principais ingredientes para a felicidade não podem ser materiais ou estéticos, mas serão sempre teimosamente psicológicos — uma lição

que nunca pareceu mais verdadeira quando M e eu fizemos as pazes, ao cair da noite, durante um churrasco à beira-mar cujos prazeres se tornaram deum ah umilde irrelevância.

8.

Depois da Holanda e de sua abortada visita à Inglaterra, Des Esseintes não se arriscou a outra viagem ao exterior. Manteve-se em sua mansão e se cercou de uma série de objetos que propiciavam o aspecto mais agradável de viajar: a expectativa. Pendurou nas paredes gravuras coloridas como aquelas nas vitrines de agências de viagem, mostrando cidades estrangeiras, museus, hotéis e navios a vapor rumo a Valparaíso ou ao rio da Prata. Emoldurou os itinerários das principais companhias de navegação, cobrindo, com eles, as paredes de seu quarto. Encheu um aquário com algas marinhas, comprou uma vela de barco, um cordame e um pote de piche e, com a ajuda desses itens, pôde vivenciar os aspectos mais agradáveis de uma longa viagem marítima, sem nenhum de seus inconvenientes. Des Esseintes concluiu, nas palavras de Huysmans, que “a imaginação era capaz de proporcionar um substituto mais do que adequado à realidade vulgar da experiência concreta”. A experiência concreta em que aquilo que viajamos para ver é sempre diluído no que poderíamos ver em qualquer lugar, em que somos afastados do presente pela ansiedade em relação ao futuro e em que nossa apreciação dos elementos estéticos fica à mercê de confusas exigências físicas e psicológicas.

Apesar de Des Esseintes, eu viajei. Ainda assim, existiram momentos em que também pensei que talvez não houvesse viagens melhores do que aquelas provocadas pela imaginação ao ficarmos em casa a percorrer lentamente as folhas de papel-bíblia do volume com o mapa de rotas da British Airways.